

Tudo remata repetendo-se a si mesmo.
Tudo intato salvo o barro nas roupas.
A música inunda o quarto como um cheiro, como a esência duma flor.

Patti Smith. Babel.

Gonzalo Vázquez é o meu amigo, aquele que fia literatura com vestiarío. O que hilbana teas com palavras e chouta na história da humanidade com ou sem medo. Outro “nenoflor” de alfine-tes com imam.

O estudo da arte é o estudo dos misterios da evoluzom. GV tem asegurada a evoluzom animal grazas á escrita, á leitura e á criaçom manual porque os estímulos desinteressados e utilitários som para ele agentes iguais.

A capacidade inventiva de GV ás vezes nom tá no mesmo plano que a capacidade interpretativa da “espetatriz” ou espectador. Antes é a esponja do individuo que a esponja da masa. O público tá submetido ás formas de consumo e isto nom tem porque tratar-se nom em temas racionais nem conceptuais simplesmente é a arte do ser pequeno, de quando sentimos ao pequeno.

Minha mai leva-va uma máquina de coser na cabeça e andava polas aldeias de casa em casa aprendendo-ajudando na/ da comunidade. Minha mai levava-me á costureira, ao espazo das mulheres em comunidade. Um consumo comunitario e artesanal, portanto linguagem e a arte inocentemente foram para mim ligadas ao mito.

GV nem é iniciador de novas correntes artísticas nem inventor de novas linguagens autónomas. Juntemos nele técnica e talento e temos o mid-cult, embutido de carga genial.

Com Marcelina (a minha primeira costureira) e com GV aprendim que a moda é muito efímera, está feita de potentes dicotomias e contradicçoms. É inutil. Em cambio o vestiarío e a confiança que GV pode dar num mesmo/a é o segredo da distinçom e porqué nom, da elegância.

GV é tacto hiper-desenvolvido.
Obrigado por desenhar segundas e terceiras peles.
A pele fala por ti.

Ugia Pedreira

